

TERRITORIALIDADE E O EXTERMÍNIO CULTURAL DURANTE A GUERRA: UM OLHAR DA PSICOLOGIA PARA O FILME “O TÚMULO DOS VAGALUMES”
TERRITORIALITY AND CULTURAL EXTERMINATION DURING THE WAR: A LOOK FROM PSYCHOLOGY TO THE FILM "THE GRAVE OF THE FIREFLIES"

Kayky Costa da Silva¹
Rita Ferreira da Silva²
Eduardo Toshio Kobori³

Resumo: A presente escrita desenvolve uma análise do filme O túmulo dos vagalumes, utilizando-se da obra como um pano de fundo, para assim, estabelecer relações entre as cenas e o impacto das guerras sobre a sociedade e seus indivíduos. Logo, o objetivo se dá no intuito de promover discussões a respeito de algumas das mazelas produzidas neste contexto de conflitos, dentre elas, toma-se como destaque a quebra de direitos básicos à vida e ao viver dos sujeitos envolvidos. Com isso, é válido frisar que o filme em questão retrata o cenário no Japão durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), portanto, o artigo trabalha com uma análise crítica referente aos direitos essenciais da humanidade. A obra foi escolhida em função de trazer luz, a partir de um olhar artístico, ao sofrimento humano em situações de guerra. Por isso, destacam-se três principais pontos na análise, que se relacionam ao contexto trabalhado: a questão da territorialidade, o sofrimento pelo luto e o debate sobre os direitos humanos no conflito. Ademais, entende-se a necessidade da inserção da Psicologia nessa discussão, visto que se consideram as formas de ações individuais/ coletivas no cenário, de forma a analisar possíveis prejuízos ao bem-estar cultural, político e social. Dessa maneira, seguindo o compromisso ético da profissão, o artigo considera e frisa a necessidade da Psicologia enquanto ciência estar vinculada na luta pela garantia de direitos aos sujeitos, ainda mais em cenários como o retratado no filme que se busca analisar.

Palavras-chave: Guerra; Território; Direitos humanos; Sofrimento; Psicologia.

Abstract: This writing develops an analysis of the film The Grave of the Fireflies, using the work as a background, in order to establish relationships between the scenes and the impact of wars on society and its individuals. Therefore, the objective is to promote discussions about some of the ills produced in this context of conflicts, among them, the violation of basic rights to life and living of the subjects involved is highlighted. With this, it is worth noting that the film in question portrays the scenario in Japan during the period of World War II (1939 - 1945), therefore, the article works with a critical analysis regarding the essential rights of humanity. The work was chosen because it brings light, from an artistic look at human suffering in war situations. Therefore, three main points stand out in the analysis, which are related to the context worked: the issue of territory, the suffering of grief and the debate on human rights in the conflict. In addition, it is understood the need to insert Psychology in this discussion, since the forms of individual/collective actions in the scenario are considered, in order to analyze possible damage to cultural, political and social well-being. In this way, following the ethical commitment of the profession, the article considers and emphasizes the need for Psychology as a science to be linked to the struggle to guarantee the rights of subjects, even more so in scenarios such as the one portrayed in the film that is sought to be analyzed.

Keywords: War; Territory; Human rights; Suffering; Psychology.

¹ Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO).

² Psicóloga. Mestra em Psicologia e Sociedade pela Universidade Ibirapuera - UNIB (2022). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP (2013). Especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Corporativa Cespi - FACESPI (2014). Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO).;

³ Psicólogo. Doutor em Filosofia pela UNIFESP, São Paulo, São Paulo. Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (2017), Especialização em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2015), Formação, Licenciatura e bacharelado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário de Ourinhos (UNIFIO).

INTRODUÇÃO

Iniciamos nossa reflexão sobre as mazelas da Segunda Guerra Mundial, retomando a troca de cartas entre o pai da Ciência da Psicanálise, Freud, e o pai da Teoria da Relatividade, Einstein, os quais em suas correspondências questionavam um ao outro: *Porquê a Guerra?*⁴. Esta pergunta reflexiva a qual trazia como uma problemática da humanidade a sua própria extinção por intermédio das bombas atômicas, talvez ainda seja um problema atualmente. Mas, para além de um extermínio ocasionado por um bombardeio, quais outras formas de destruição dos sujeitos da própria humanidade, enquanto coletividade, um evento como a Segunda Guerra Mundial pode ocasionar.

Mediante a isto, o presente artigo utiliza-se da obra cinematográfica *O túmulo dos Vagalumes*, lançada em 16 de Abril de 1988 pelo “Studio Ghibli”, e dirigida por Isao Takahata, como pano de fundo para analisar os sofrimentos os quais a guerra provoca nos sujeitos e na sociedade. Por intermédio desta obra que visa retratar um recorte do Japão durante os bombardeios americanos no período de guerra, nos propomos a analisar algumas das mazelas produzidas neste momento histórico, entre elas, em destaque a própria quebra de direitos básicos⁵ à vida e ao viver dos indivíduos envolvidos.

É válido destacar que o anime em questão retrata o contexto do Japão durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945). A obra apresenta como protagonistas os personagens Seita e Setsuko (irmãos), de maneira a trazer um olhar voltado para as ações de Seita, que acabará responsabilizando-se por cuidar da irmã mais nova durante o período de guerra destacado na narrativa.

Posto isso, a obra inicia retratando a relação dos irmãos com a mãe nas primeiras cenas, as quais os retratam juntos organizando-se apressadamente para saírem da casa em que residiam, visto que o alerta de bombardeio havia sido acionado, e todos precisavam destinar-se aos abrigos de proteção. Na sequência da narrativa, aconselhada por Seita, a mãe parte para o abrigo primeiro, enquanto os irmãos foram momentos depois. Contudo, ao chegarem ao local, Seita é notificado que sua mãe havia sofrido com

⁴ FREUD, Sigmund. **Porquê a Guerra? Reflexões sobre o destino do mundo**. Odivelas: Grupo Almedina (Portugal), 2017. E-book. ISBN 9789724422138.

⁵ O intuito geral de nossa investigação acadêmica é pontuar por intermédio da película cinematográfica como a guerra usurpa de modo deliberado com os direitos básicos a vida dos sujeitos.

graves ferimentos durante o deslocamento até ali em virtude dos bombardeios, e com isso, tempo depois, ela veio a falecer. Consequentemente, é possível já nas cenas iniciais observar o impacto da guerra em uma população e seus sujeitos, e considerar a necessidade de discutir-se sobre o tema.

Após o falecimento da figura materna, e a ausência do pai, que deixara a família para combater pela Marinha na guerra, sem expectativas convincentes de retorno, os irmãos passam a morar na residência de sua tia. Ficar sobre os cuidados da família estendida desencadeou conflitos familiares, uma vez que os tutores substitutos não tinham vínculo com os protagonistas. A ausência de vinculação e empatia para com as duas crianças órfãs de guerra, ocasiona o racionamento de alimentos para as crianças, uma vez que elas não trabalhavam, e eram consideradas um fardo. Além disso, a ausência do vínculo acaba por promover cobranças vindas por parte dos anfitriões para com o jovem Seita, associadas à perspectiva apresentada por eles de que, em razão do contexto enfrentado (contexto de guerra, e consequentemente escassez de finanças e reservas), o garoto deveria apresentar evolução em sua “maturidade”. Logo, constata-se nisso um aumento no sofrimento vivenciado pelos irmãos, associada à falta de empatia na convivência, assim como àquilo que é apontado em *Túmulo dos Vagalumes (Hotaru no Haka, 1988)*, de Isao Takahata: *Objetos de memória que se atualizam – esquecimentos que lampeja* (Martineli, 2020, p. 60):

[...] a forma tradicional de família privilegiada, se levamos em conta os benefícios e os suprimentos que o pai de Seita deixa para a família enquanto luta na guerra. Portanto, Seita e Setsuko estão inseridos num grupo seletivo, filhos do privilégio militar do Japão Imperialista do entreguerras e Segunda Guerra Mundial. Seita, durante 14 anos, teve sua identidade forjada por essa interação e estrutura familiar, bem como pelo privilégio. A tragédia de Seita é ainda mais dolorosa para ele, pois tem início no momento em que perde seus privilégios. Quando ele abdica de sua independência (inter) social, uma vez que Seita era despreocupado com responsabilidades [...].

Por conseguinte, diante do sofrimento e conflitos enfrentados pelos protagonistas na casa da família estendida destacados acima, Seita toma a atitude de sair da casa de sua tia, junto de sua irmã. Eles passam a se alojar em um antigo “abrigo” para proteção a bombardeios, todavia, isso acaba por produzir ainda mais problemas, já que passam a sofrer com a fome. A falta de um abrigo adequado, a escassez ou total ausência de alimentos e recursos para os cuidados diários os quais um jovem e uma criança pequena

devem ter acesso, ocorre devido à ausência de reservas e finanças, um apoio verdadeiro da família extensa ou da garantia dos direitos básicos a vida, os quais deveriam ser promovidos pelos governantes do país neste momento. Diante desta mazela psicossocial enfrentada pelos irmãos Setsuko que se encontrava nos anos iniciais de vida, começa a adoecer.

Dessa forma, destaca-se a importância de discutir a realidade apresentada no filme, assim como o seu compromisso social e cultural em apresentar os fatos, por meio do que afirmam Carvalho e Oliveira em *A repetição como estratégia na progressão temática no anime o túmulo dos vagalumes* (2019, p. 189):

A animação *Hotaru no Haka*, com o título em português, *O Túmulo dos Vagalumes*, é uma história baseada no relato autobiográfico de Akiyuki Nosaka, que viveu com sua irmã o sofrimento extenuante da Guerra. A História ganhou proporção por mostrar a visão de duas crianças em meio ao fogo cruzado de uma guerra e tudo que passaram para sobreviver à realidade difícil. O Studio Ghibli, que é famoso por sempre adaptar histórias emocionantes para o cinema, comprou os direitos autorais da obra que conta a aventura de Setsu e Setsuko enfrentando doenças, perigos, e a falta de sensibilidade por parte dos adultos, explicitando os sofrimentos comuns ao ambiente de guerra.

A partir da citação acima, considerando a veracidade na apresentação do contexto de guerra e a importância da temática, é válido frisar que o presente artigo trabalha com o foco em apresentar uma análise crítica referente aos direitos básicos da humanidade, por intermédio do filme *O Túmulo dos Vagalumes*. Esta obra foi escolhida em razão de trazer luz, com olhar artístico e sensível ao sofrimento humano em período de guerra. Por isso, a presente escrita tem como intuito abordar três principais pontos, relacionados ao contexto da guerra: a questão da territorialidade, o sofrimento pelo luto e o debate sobre os direitos humanos dentro da temática do conflito.

A territorialidade aparece em relação à perda do direito a moradia digna, já que com o passar do conflito, territórios são destruídos, e os sujeitos precisam migrar para abrigos, muitas vezes, superlotados e com condições de sobrevivência bastante precárias. Enquanto isso, o luto aparece com o sofrimento diante da morte de pessoas próximas, e como perda do direito a vida, uma vez que os indivíduos passam a dedicar seu tempo apenas para conseguirem sobreviver. Referente à discussão dos direitos humanos, essa aparece de maneira a pensar a não garantia desses direitos no contexto dos conflitos de guerra, visto que vários deles passam a ser descumpridos, como

questões do viver, da alimentação, da igualdade racial, entre outros; de maneira a não se garantir qualidade de vida e dignidade aos sujeitos. Além disso, outro ponto importante que será explicitado no decorrer dos tópicos trata-se da fome, no qual aparece como a perda do direito à alimentação, já que as reservas em tempo de guerra vão se reduzindo, e passando a ser cada vez mais racionalizadas e escassas.

Por isso, utilizou-se da obra *Túmulo dos Vagalumes* e estes tópicos principais para a produção da análise, de modo a discutir sobre algumas das grandes problemáticas provocadas por períodos de guerra, como por exemplo a retirada das pessoas de suas moradias – territorialidade -, as perdas brutais e a quebra dos direitos básicos a vida.; considerando assim as mazelas produzidas pela Guerra, e em consonância a isto, abordar as consequências dela de maneira crítica sob um olhar da Psicologia como ciência, para que assim intervenções possam ser pensadas eticamente, e baseadas sempre nos Direitos Humanos Universais.

1 A QUESTÃO TERRITORIAL

Iniciando as nossas discussões faz-se importante o destaque para um dos primeiros cenários mostrados: os ataques aéreos contra o território japonês (como os vilarejos, no caso retratado, o ambiente em que Seita, Setsuko e sua família moravam), responsáveis por produzir impactos negativos a toda uma comunidade, que passa a sofrer com a destruição do território e das moradias, perda de pessoas, e com o alto número de feridos que necessitarão de cuidados médicos.

Ademais, fica evidente o sofrimento enfrentado pelos sujeitos em razão do cenário da fome, uma vez que as reservas alimentícias passam a tornarem-se praticamente escassas. Depreende-se, assim, a necessidade de abordar no decorrer dessa discussão, a temática da territorialidade, do luto e dos Direitos básicos no viver dos indivíduos.

Intermediado pela consideração feita acima, é válido iniciarmos nossa análise sobre a relação entre os ataques aéreos e a questão territorial⁶. Isto é, não olhar para

⁶ A questão territorial expressa visa tratar sobre os impactos sofridos pelo território no contexto da guerra, de maneira a abordar o proposto pelo Geógrafo Milton Santos, no livro *Território: Globalização e Fragmentação* (1998), sobre as horizontalidades- os lugares vizinhos, e sobre as verticalidades- pontos distantes, mas conectados por todas as formas e processos sociais. Para que assim, leve-se em consideração os impactos ligados a destruição física do espaço, mas também aos processos sociais e culturais que ali se constituem.

isso apenas como uma disputa de território físico promovida por países em períodos de guerra, e nem aceitar uma concepção reducionista de território como “um lugar que abriga pessoas”. Considerando isso, justifica-se a necessidade de olhar para os impactos causados aos sujeitos dos ambientes envolvidos nos ataques, que acabam perdendo suas moradias, e, com isso, sofrendo diversos desamparos que não são apenas materiais, mas também sociais, e relacionados à suas histórias de vida; já que como afirma Santos (1998, p. 15), na obra *Território: Globalização e Fragmentação*, “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto da análise social”.

Ademais, ao considerar que aquilo no qual o território tem de permanente é ser o quadro de vida dos indivíduos (Santos, 1998), o destaque para a perda das casas e vilarejos das famílias retratada no filme, durante o período de guerra, é crucial, pois essa vai além de uma perda material. Destarte, as moradias possuem um sentido simbólico para as famílias residentes, uma vez que nestes espaços seus membros vivenciam trocas culturais e afetivas, as quais constituem a historicidade de cada membro familiar.

Por isso, considerando que “as vivências, sejam elas traumáticas ou não, engendram consequências na subjetividade” (Kobori, 2022, p. 150), entende-se que a perda desses espaços acaba por impactar os sujeitos que ali residiam, já que, muitas vezes, existe um sentimento de pertencer ao território e, ao mesmo tempo, uma identificação como construtores da história daquele local, o que se vê interrompido pelos bombardeios. Assim, aquilo que se entende como permanente no território, ou seja, o fato de ser o quadro de vida dos indivíduos lhes é retirado pela destruição, e com isso, consequências em suas subjetividades tendem a surgir relacionados à vivência da guerra.

Desse modo, considerando o impacto na subjetividade dos moradores, que se faz produzido pela destruição provocada pelo período de guerra, é válido lembrar que em determinados momentos do filme a personagem Setsuko aparece chorando e anunciando sua vontade de “voltar para a casa”, o que se relaciona a dois principais motivos. O primeiro aparece com as queixas negativas em relação à permanência nos abrigos durante os períodos de bombardeio, nas quais a personagem mostra-se insatisfeita e irritada com a lotação dos abrigos, uma vez que eram organizados em urgências, e acabam por alocar um número elevado de indivíduos. Além disso, a

protagonista mostra-se chateada ao apontar a saudade de sua casa, relacionada com os espaços para brincar livremente e convívio com a família. Logo, pela necessidade de proteção durante os conflitos, os apontamentos aparecem em virtude da ausência de conforto que acaba surgindo. Portanto, ao considerar-se aquilo que foi citado acima, é importante apontar o que escreve Santos (2006, p. 222) em *A natureza do espaço*:

Em muitos casos, a sucessão alucinante dos eventos não deixa falar de mudanças apenas, mas de vertigem. O sujeito no lugar estava submetido a uma convivência longa e repetitiva com os mesmos objetos, os mesmos trajetos, as mesmas imagens, de cuja construção participava: uma familiaridade que era fruto de uma história própria, da sociedade local e do lugar [...].

Ou seja, é perceptível a influência sobre a personagem ao distanciar-se de sua moradia, visto que enfrenta um rompimento na familiaridade que o território proporcionava-lhe, e com isso nota-se no filme o impacto que conflitos de guerra podem causar sobre os sujeitos residentes nos territórios envolvidos.

Enquanto isso, o segundo motivo está relacionado à hospedagem dos personagens na casa de sua tia, onde Setsuko passará junto de Seita por dificuldades relacionadas à extensa cobrança vinda dos donos da residência (tios). A situação traz muitos conflitos para a criança já que ela acaba de vivenciar um abrupto distanciamento de sua casa e o afastamento de sua mãe, o que desencadeou um grande sofrimento. Assim, o ambiente e os responsáveis acabam por impactar negativamente a protagonista, uma vez que se observa a ausência do cuidado vindo do “outro” para com a criança, além da falta de sensibilidade no contato e tratamento. Em virtude disso, questões como a confiança mínima em si mesmo são diretamente afetados, visto que o amor e afeto em ambientes de cuidado são responsáveis por promover a integração, e a sensação de estar seguro, ou seja, fatores essenciais para a constituição psíquica dos indivíduos, e para o seu processo de amadurecimento (França; Rocha, 2015).

A partir disso, podemos pontuar que a Guerra acaba por produzir problemáticas que vão além das disputas em “campo de batalha”, e começa a transformar negativamente o cotidiano dos indivíduos. De modo que não se provê o suficiente, como no caso de Setsuko, no qual a criança deixa de ter um ambiente facilitador para seu desenvolvimento - principalmente emocional - considerando assim o que aponta Winnicott em sua obra *O ambiente e os processos de maturação* (1983, p. 63): “O

desenvolvimento emocional ocorre na criança se se provêm condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança”. Dessa forma, é essencial destacar a importância das moradias, já que possuem significados muito além do material, ou seja, relacionam-se com a história de vida e, conseqüentemente, com a subjetividade construída pelos seres humanos.

Logo, compreende-se que a questão territorial vai muito além da definição física de lugar, de modo que, adentra uma discussão no campo do simbólico:

O território simbólico é bem mais que um espaço geograficamente delimitado, é também um conjunto de referências socioculturais que modelam o cotidiano, o projeto de vida, a inserção de vida de uma pessoa. Ele deve ser compreendido por meio do conteúdo agregado a ele pelos diversos atores que de alguma forma ali inscrevem sua história (Franco; Stralen, 2012, p. 410).

Por isso, intermediado pelos apontamentos de Franco e Stralen mencionados acima, os quais fazem parte da pesquisa intitulada *O espaço de habitação e sua importância para produção de subjetividade* (2012), entende-se a importância de considerar que a questão territorial não se refere apenas a delimitações geográficas, mas sim, refere-se a noções simbólicas dos espaços e a multiplicidade sociocultural contida neles. Desta maneira, a história construída pelos sujeitos em seus territórios e em suas moradias precisa ser mais debatida, compreendida e valorizada.

2 O LUTO DO CONFLITO

Além dessa primeira questão associada ao território, é preciso discutir outros pontos abordados no filme que são de fundamental importância, como o caso do luto vivenciado pelos sujeitos e familiares. Para isso, precisa-se destacar um importante fator que impacta no andamento das ações e vivências apresentadas: Seita e Setsuko tornam-se órfãos bem no início da narrativa, com a perda da mãe durante os primeiros bombardeios ao vilarejo. Com relação ao pai dos personagens, seu paradeiro só será revelado mais adiante, ao final da história. Contudo, a ausência paterna já pode ser constatada anteriormente na narrativa, considerando que os filhos não estabeleciam comunicação ou obtinham notícias enviadas por ele, e desse modo, o pai acaba por existir apenas nos pensamentos, e os irmãos a ficarem “sozinhos” na situação.

Tendo em conta a situação citada, constata-se que o irmão mais velho (Seita) acaba por assumir as responsabilidades, e dedica-se a cuidar para que ele e sua irmã

fiquem bem, mesmo sendo ainda um jovem que também sofria com a perda dos pais. Por isso, este é um dos fatores a serem trabalhados, pois o cenário de guerra (consequências dos bombardeios) faz com que muitos sujeitos sejam sobrecarregados com maiores responsabilidades cotidianas, assim como se percebe no caso de Seita: um indivíduo jovem que se vê obrigado a assumir o grande compromisso de cuidado da irmã. Tal compromisso carrega enorme pressão e importância, visto que o papel do cuidar atrela-se “a marca da presença do outro, portanto, transforma o cuidado em um elemento fundamental no processo de subjetivação, conferindo-lhe uma função estruturante na vida [...]” (França; Rocha, 2015, p. 415).

Dessa forma, considerando as responsabilidades que são atribuídas, de forma urgente aos sujeitos, em tempos de guerra, é preciso considerar e refletir novamente sobre a influência disso no cotidiano. Logo, não se trata de apontar que o conflito define o sujeito, mas sim, a existência de uma influência associada ao contexto, de modo que o cotidiano faz parte da história e simultaneamente se vê afetado por ela, como o caso de Seita, um jovem que apresenta suas ideias e perspectivas sobre a guerra, todavia acaba sofrendo exaustivamente com consequências negativas trazidas por ela.

Para elucidar melhor a argumentação, é válido citar a socióloga Heller em sua obra *O Cotidiano e a História* (2000, p. 20):

A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social. [...]. As grandes ações não cotidianas que são contadas nos livros de história partem da vida cotidiana e a ela retornam. Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças a seu posterior efeito na cotidianidade.

De acordo com a citação anterior, destaca-se que a guerra não acontece somente, por exemplo, no conflito “direto” entre as alianças⁷, mas sim na “realidade” dos sujeitos envolvidos, assim como o caso de Seita na narrativa, em que passa a assumir responsabilidades repentinamente sobre o seu próprio cuidado e no zelo com a irmã Setsuko.

Nessa senda, pode-se observar que os sujeitos que vivem em realidades e territórios de disputa, acabam por precisar estar sempre alertas para conseguirem

⁷Durante a Segunda Guerra Mundial destacam-se as duas principais Alianças envolvidas no confronto: o “Eixo”, composto por Alemanha, Itália e Japão, e os “Aliados”, compostos pela Inglaterra, França, União Soviética e pelos Estados Unidos.

abrigar-se, alimentar-se, sustentar seus familiares, e, proteger-se de possíveis ataques. Diante destes fatores, notamos um dos pontos prejudiciais que períodos de guerra podem trazer a uma comunidade e seus indivíduos: a limitação do luto. Assim, quase nenhum investimento é destinado para que seja possível enfrentar os momentos importantes pós-perda, como a expressão das emoções, diálogos sobre o assunto, funerais/enterros dignos, e até determinados ritos de passagem ou/e despedida dos entes queridos (dependendo da cultura dos sujeitos envolvidos). Logo, ao não se dedicar um investimento adequado à situação/momento de luto, ou seja, com uma “limitação ao luto”, obtêm-se prejuízos para o sujeito, considerando a influência de diversos fatores relacionados à idade, significância, vinculação emocional, e até questões culturais (Marques, 2015).

Depreende-se, portanto, que o cenário destacado no filme, e os contextos em países de guerra aparecem como prejudiciais para a vivência do luto, uma vez que muitas das mortes são provocadas pelos conflitos, e os sujeitos acabam sofrendo com um luto complicado, conforme se aponta em *Fatores que impedem a resolução do luto*:

Para se perceber porque é que as pessoas desenvolvem um luto complicado torna-se fundamental considerar os fatores que influenciam o tipo, intensidade e duração do luto, por outras palavras, aquilo que afeta o processo de luto, como é o caso dos fatores relacionais, circunstanciais, históricos, de personalidade e sociais (Marques, 2015, p. 4 *apud* Worden, 2009).

Dito isso, considerando as abruptas alterações sociais e históricas causadas pela guerra, compreende-se sobre possíveis complicações na vivência do luto pelos sujeitos. Para discutir melhor tal questão, é válido destacar os apontamentos de Cavalcanti, Samczuk e Bonfim, dentro do estudo sobre *O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein*, o qual caracteriza o luto como “uma perda de um elo significativo entre uma pessoa e seu objeto, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano” (2013, p. 88).

Partindo disso, considera-se que o luto se trata de um processo lento, aparece com a perda do elo significativo, e instala-se para a elaboração desta perda (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013). Logo, observa-se a ausência de momentos e situações para a elaboração em contextos de guerra, pois a realidade dos indivíduos é afetada e até confundida, em função da enorme destruição e estado de tensão estabelecido em razão

dos conflitos. Desta forma, uma vez que “o trabalho do luto é concluído quando a realidade prevalece” (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013, p. 95), quando se olha para toda a vivência trazida pela guerra, responsável por produzir influências dentro da perspectiva de realidade do sujeito e no processo de elaboração, é fundamental pensar sobre a possibilidade de que o processo de luto não venha a acontecer de maneira benéfica- devido ao prejuízo provocado durante elaboração dos fatos, de modo a causar ainda mais sofrimentos para a pessoa.

Ademais, pode-se pensar essas questões relacionando-as a uma das frases que Setsuko relata durante o filme (ao mesmo tempo em que chora): “por que os vagalumes têm que morrer tão cedo?”. Assim, uma das interpretações que se pode obter é a associação com a ideia dos vagalumes: a perda da mãe. Uma vez que a cena acontece no mesmo momento em que ela relata ter descoberto a perda por meio de uma fala da tia. A partir disso, é importante pensar como a linguagem aparece nessa relação com a questão do luto, assim como é apontado em *O luto como funcionamento de linguagem* (Rodrigues; Agustini; Branco, 2021, p. 7):

[...] funcionamento de linguagem que relaciona, indissociável e constitutivamente, os efeitos de "ausência" e "presença" de sentido(s); no caso do luto, especificamente, os efeitos de "perda" e de "retorno da perda" de sentido(s). No funcionamento do luto, o sujeito significa e é significado nesse jogo metafórico que (re)produz a "perda" e seu "retorno" como efeitos de sentido estruturantes no e do processo de sua identificação simbólica (como no funcionamento da fantasia, supramencionado).

Depreende-se, portanto, que os únicos momentos possíveis para se observar a elaboração da perda, no caso da personagem, ou seja, em contextos de guerra, aparecem na linguagem, logo, “descreve sua condição única na linguagem ao experienciar, sem cessar, a injunção a simbolizar isso que faz função de perda” (Rodrigues; Agustini; Branco, 2021, p. 8), do mesmo modo que acontece quando relaciona-se a morte dos vagalumes com a da mãe.

É importante ainda um último destaque quanto a essa temática, uma vez que “a ideia de luto não se limita apenas à morte, mas o enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano” (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013, p. 88). Por isso, sujeitos que presenciam conflitos de guerra, não enfrentam a situação do luto apenas em falecimentos de pessoas próximas ou da comunidade, mas

ainda em outras situações, como o caso da que já foi citada anteriormente nessa escrita, ou seja, a destruição e tomada de seus territórios/moradias, o que reflete a perda de parte das referências socioculturais desses indivíduos, logo, um luto pela quebra de um elo significativo e simbólico também se mostra frequente no contexto das guerras.

3 OS DIREITOS HUMANOS E A GUERRA

Referente a outro tópico na discussão, quando se pensa em períodos de guerras, é possível notar que alguns pontos significativos da organização social são bastante afetados, de maneira que muitas vidas são “perdidas”, a liberdade é limitada e a segurança pessoal reduz drasticamente. Logo, evidencia-se como o contexto de conflito apresenta-se no sentido contrário daquilo que é previsto no artigo 3º da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH) em que diz: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”.

Durante o filme, observa-se a ausência das três exigências da declaração destacadas acima, uma vez que a mãe dos protagonistas acaba por ser vítima dos bombardeios e o pai falace em situação de combate, ou seja, o direito a viver vem a ser afetado. Além disso, a liberdade e segurança pessoal de todos os sujeitos envolvidos nos territórios atacados são praticamente rompidas por completo, visto que em diversas situações os personagens precisam migrar com urgência para abrigos de proteção, o que constata um abandono de seus territórios, forçado por fatores externos. Com isso, diante do abandono forçado das casas/vilarejos e da intensidade dos ataques com bombas, percebe-se por intermédio da narrativa, o impacto direto na segurança e liberdade dos indivíduos que habitam territórios em situação de conflito.

Ademais, diante da discussão relacionada à liberdade, também é importante citar o artigo 1º da DUDH: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”

Concomitante a isso, outros relevantes destaques aparecem na narrativa, como a frase “A guerra está acabando com todas as nossas reservas”⁸, além de trechos em que

⁸A frase é citada em um diálogo entre os personagens durante o minuto 30 do filme *O Túmulo dos Vagalumes* (1988), dirigido por Isao Takahata e produzido pelo “Studio Ghibli”.

se destaca o fato da alimentação começar a ser racionalizada, e que só teriam acesso aqueles sujeitos que fazem parte do “sistema”. Ou seja, um cenário de guerra que transpassa o campo de batalha, que vai contra o espírito fraternal nas relações, e faz com que muitos dos Direitos essenciais passem a não ser garantidos, constatando-se assim, a problemática da fome. Nesse sentido, novamente percebe-se um descumprimento daquilo que se prevê na Declaração, agora na primeira parte de seu artigo 25º:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

Logo, é perceptível que os problemas presentes em uma sociedade que vivencia a guerra vão se conectando, de maneira a causar prejuízos cada vez maiores e mais drásticos. Os bombardeios que afetam civis acabam por desencadear em mortes, mortes essas que originam o luto nos sujeitos, lutos não elaborados que terminam por gerar mais sofrimento. Na sequência, o mais básico para sobrevivência de um indivíduo – alimento – vem a ser racionado, e com a falta de condições básicas para existência, resulta-se naquilo que aconteceu durante a narrativa com a personagem Setsuko (uma criança): a morte⁹.

Desse modo, é preciso estabelecer relações e análises críticas para toda a história da Segunda Guerra Mundial e o funcionamento da estrutura capitalista com grandes problemáticas que abrangeram e abrangem a sociedade. De modo que muitos direitos dos cidadãos deixam de ser garantidos, exclusões ainda são comuns e evidentes, ataques atingem comunidades, entre outros fatores, acabam por prejudicar o funcionamento social, assim como a saúde mental dos sujeitos. Dito isso, destaca-se aquilo que aponta Flávia Piovesan (2006, p. 7):

É neste cenário que se desenha o esforço de reconstrução dos direitos humanos, como paradigma e referencial ético a orientar a ordem internacional contemporânea. Ao cristalizar a lógica da barbárie, da destruição e da descartabilidade da pessoa humana, a Segunda Guerra Mundial simbolizou a ruptura com relação aos direitos humanos, significando o Pós Guerra a esperança de reconstrução destes mesmos direitos.

⁹Na cena em questão, Setsuko falece desnutrida e adoecida devido à falta de alimentos. Ela se vê forçada a se alimentar de bolinhos de terra que, de maneira lúdica – para amenizar a realidade cruel em que se encontra –, prepara e ingere.

Assim, entende-se a influência histórica nessas questões, de modo a impactar em toda a estrutura social vigente no momento do ocorrido, além de produzir resultados em situações posteriores. A guerra representou uma quebra com a garantia de direitos, e fez com que se estabelecessem novas discussões após seu término. E, ainda, muitas das mazelas e barbáries resistem em permanecer ocorrendo no contemporâneo, fazendo com que seja necessário o estabelecimento de críticas, como nesta escrita, de maneira a buscar trabalhar contra a destruição e descartabilidade da pessoa humana, por meio da promoção efetiva dos Direitos essenciais.

Ademais, é válido a destacar a criação da IV Convenção de Genebra, que visa proteger civis e territórios ocupados, de modo a evitar questões como o ocorrido no Japão no final da Segunda Guerra:

As Convenções de Genebra, que foram adotadas antes de 1949, somente tratavam dos combatentes e não dos civis. Os acontecimentos da II Guerra Mundial demonstraram as consequências desastrosas da ausência de uma convenção para a proteção dos civis em tempos de guerra. A Convenção adotada em 1949 leva em consideração as experiências dessa guerra. Consiste de 159 artigos. Contém uma breve seção sobre a proteção geral das populações contra certas consequências da guerra, sem abordar a condução das hostilidades como tal, a qual foi examinada posteriormente nos Protocolos Adicionais de 1977. A maior parte da Convenção trata do estatuto e tratamento das pessoas protegidas, distinguindo entre a situação dos estrangeiros no território de uma das partes em conflito e dos civis em território ocupado. Estipula as obrigações da Potência Ocupante em relação à população civil e contém disposições pormenorizadas sobre o socorro humanitário às populações em território ocupado. Também apresenta um regime especial para o tratamento dos internados civis. Possui três anexos com modelos de acordo para zonas sanitárias e de segurança, de regulamentos sobre o socorro humanitário e de cartões de identidade (CONVENÇÃO DE GENEBRA).

A colocação acima é extensa, porém necessária uma vez que explica sobre as mudanças na convenção, de modo a tratar sobre a questão dos civis, das zonas sanitárias e do socorro humanitários. Tópicos esses que se conectam diretamente a perspectiva dos Direitos Humanos, e são extremamente importantes para discutir questões de guerra, que já são por si só, complexas. Todavia, precisam sempre ser pautas de debates, visando assim à busca por maior humanidade no cenário social e político mundial.

Destarte, com muitos debates, imposições, leis, congressos, entre outros, muitos desses problemas ainda persistem, e os Direitos Universais acabam não sendo efetivamente respeitados e garantidos. Por isso, a Psicologia e seus profissionais

precisam inserir-se sempre nessa luta, justamente visando lutar contra a violência, opressão, crueldade e outros problemas como em períodos de guerra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, portanto, que a análise crítica – nesse caso sobre o filme *O Túmulo dos Vagalumes* – e compreensão sobre o contexto histórico são fundamentais no campo da Psicologia, já que permitem entender a relação do sujeito com a sociedade, e sobre seu mútuo impacto: “Na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, o ser humano cria as formas de ação [...]” (Oliveira, 2019, p. 35).

Além disso, a Psicologia precisa estar próxima a esse campo, justamente porque a sua prática não deve acontecer apenas como uma relação comercial, mas sim, baseada em seu compromisso ético e social. Por isso, o III Princípio Fundamental do Código de Ética (2005) destaca que “O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural”.

Logo, é preciso relacionar o fato de que a “Preocupação é um aspecto importante na vida social” (Winnicott, 1983, p. 70), já que se conecta em formato positivo ao senso de responsabilidade dos indivíduos, e é fundamental no cotidiano dos sujeitos, assim como na atuação dos profissionais da Psicologia. Aqui se trabalha no sentido de que a prática do psicólogo não se trata de uma atuação neutra, mas sim, uma ação que perpassa a capacidade de preocupar-se dentro de um limiar ético da atuação profissional, de modo a estabelecer relações eficientes e de confiança para execução dos trabalhos com os sujeitos e comunidades. Ademais, a preocupação aparece interligada a questão do cuidado no cotidiano dos indivíduos, outra questão que se mostra essencial para o desenvolvimento individual e social como já citado anteriormente, uma vez que o cuidar é parte crucial no processo de subjetivação dos sujeitos (França; Rocha, 2013).

Analisando o que foi apresentado no parágrafo anterior, é extremamente preciso apontar a necessidade da atuação ética do profissional, de maneira a agir promovendo a luta pela garantia de direitos e dignidade aos indivíduos. Por outro lado, é importante reafirmar o impacto negativo da guerra sobre os sujeitos, visto que os atos de preocupação e cuidado serão diretamente prejudicados, em razão da devastação e medo

provocados sobre as vítimas – civis dos territórios envolvidos nos conflitos, fazendo assim com que surjam problemáticas no dia a dia e nos processos subjetivos de cada um.

Considerando isso, entende-se novamente a necessidade da inserção da Psicologia nessa discussão, uma vez que se observam determinadas formas de ações individuais e coletivas no cenário de guerra, podendo estas ser prejudiciais para o bem-estar social e cultural. Entre tais ações destacam-se a saída forçada dos territórios e a ausência de condições suficientemente boas para o desenvolvimento dos indivíduos, principalmente quando se trata de crianças. A questão territorial, ou seja, a saída forçada dos territórios termina por impactar o bem-estar, uma vez que ali se apresenta o território simbólico para aquela comunidade, um “território apropriado pelo sujeito” (Franco; Stralen, 2012, p. 410). Além disso, a ausência de condições suficientemente boas para desenvolver a maturação interfere em diversos processos cotidianos, relacionados à independência, socialização e estabelecimento de questões morais. Para esclarecer essa questão, é válido citar aquilo que aponta Winnicott: “Os pais não tem de fazer seu bebê como artista tem de fazer seu quadro ou o trabalhador de cerâmica seu pote. O bebê cresce a seu modo, se o ambiente é suficientemente bom” (1983, p. 91).

Portanto, os fatores apontados acima são essenciais para os indivíduos, em razão de permitirem que os sujeitos possam, em suas multiplicidades desenvolver sua maturação, e outros processos que se apresentam no cotidiano desde o período da infância até os da fase adulta; assim como a questão do luto que foi trabalhada na discussão deste trabalho. Nesse sentido, ao abordar a subjetividade como um processo, e entendendo que os “processos de subjetivação são variáveis e contínuos e surgem em concordância com processos históricos, sociais, políticos, urbanos, sem ser um determinante absoluto” (Franco; Stralen, 2012, p. 412), compreende-se que a guerra apresenta-se de forma negativa, em razão de produzir prejuízos para todos os âmbitos sociais dos civis, como a questão do território, do luto, do desenvolvimento individual, da fome, além de provocar outras diversas problemáticas imediatas e futuras.

Destarte, é notável que a ciência Psicologia não pode estar desvinculada da luta por garantia de direitos essenciais para os indivíduos, e por isso, levar em consideração períodos de guerra, o cenário do filme e a ausência de direitos perpassa pelo trabalho dos psicólogos e acadêmicos da área. Dessa forma, outro apontamento aparece no artigo

1º do Código de Ética, item “d” (2005), afirmando que é dever fundamental “Prestar serviços profissionais em situações de calamidade pública ou de emergência, sem visar benefício pessoal”. Logo, cabe aos profissionais da Psicologia estarem atentos na luta contra as desigualdades, contra a não garantia de direitos e aos ataques contra a ciência, de maneira a garantir a melhor promoção de saúde mental e liberdades básicas a todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, M. A. F. D.; OLIVEIRA, A. K. D. M. P.. A repetição como estratégia na progressão temática no Anime o túmulo dos vagalumes. **Revista Prolíngua**, v. 14, n. 2, p. 184- 195, ago./dez. 2019.

COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **Convenções de Genebra- As Convenções de Genebra de 1949 e seus protocolos adicionais**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/treaties-customary-law/geneva-conventions/overview-geneva-conventions.htm>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

FRANÇA, R. M. P.; ROCHA, Z.. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. **Psicologia USP**, v. 26, n. 3, p. 414–422, set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/s7gpppN3bQvDHHDVLMWLgWL/?lang=pt&format=pdf>

FRANCO, Renato Ferreira; VAN STRALEN, Cornelis Johannes. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 402-419, dez. 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682012000300005&lng=pt&nrm=iso.

FREUD, Sigmund. **Porquê a Guerra? Reflexões sobre o destino do mundo**. Odivelas: Grupo Almedina (Portugal), 2017. E-book. ISBN 9789724422138.

KOBORI, E. T. **Diálogos entre Psicanálise e Literatura**: Um ensaio sobre o amor nos tempos de cólera. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

MARQUES, M. Fatores que impedem a resolução do luto. **Psicologia. PT**, 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0860.pdf>.

MARTINELI, R. C.. **“Túmulo dos Vagalumes” (Hotaru no Haka, 1988), de Isao Takahata: objetos de memória que se atualizam – esquecimentos que lampejam.** 2020. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29580/4/TumuloVagalumesHotaru.pdf>.

OLIVEIRA, M. K. de. Vigotski e o processo de formação de conceitos. In: TAILLE, Y. de I.; OLIVEIRA, M. K. de.; DANTAS, H. **Teorias Psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 2019. p. 33-52.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos,** 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

PIOVESAN, Flávia. **Direito Constitucional Módulo V: Direitos Humanos e o Direito Constitucional Internacional,** 2006. Disponível em:
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/flaviapiovesan/piovesan_dh_direito_constitucional.pdf.

RODRIGUES, E. A.; AGUSTINI, C.; CASTELLO BRANCO, L.. O luto como funcionamento de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos,** Campinas, SP, v. 63, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8665210. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8665210>.

SANTOS, M.. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1998. p. 15-20.

SANTOS, M.. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WINNICOTT, D. W.. **O ambiente e os processos de maturação:** estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.